

RODEIO: DO LOCAL PARA O GLOBAL E A MONTARIA EM TOURO COMO ESPETÁCULO

Rodeo: de lo local a lo global la monta de toro como espectáculo

Deividi Lira Martins¹
Marcos Claire Bovo²

Recebido em: março de 2018

Aceito e publicado em: agosto de 2019

Resumo: Este artigo apresenta reflexões e análises sobre o rodeio, levando-se em consideração a interdisciplinaridade e conceitos de modernidade e cultura. Diante disso, tem por objetivo compreender a montaria em touro como espetáculo do rodeio destacando as transformações do local para o global. Dessa forma, encontra-se estruturado em três partes, sendo: a contextualização histórica do rodeio; a ideia de modernidade, interdisciplinaridade, cultura para o desenvolvimento local e global e por fim, a montaria como espetáculo: o homem x touro. A metodologia utilizada é caracterizada como pesquisa bibliográfica por meio de teses, dissertações, livros, artigos de periódicos científicos referentes à temática “rodeio”. Também foram utilizadas fotografias de montarias e da arena de rodeios de Colorado, cidade esta que abriga uma das mais tradicionais festas do segmento rodeio no Brasil. Os resultados indicam que dentre todas as atividades desse esporte, a montaria em touro é a que se destaca, atraindo um grande número de espectadores durante a realização de um espetáculo na arena. O rodeio contribui para o desenvolvimento da sociedade das cidades que sediam esse evento, por meio da geração de empregos diretos e indiretos, antes e durante o período de realização.

Palavras-Chave: Cultura; desenvolvimento; eventos.

Resumen: *Este artículo presenta reflexiones y análisis sobre el rodeo, considerando la interdisciplinaridad y conceptos de modernidad y cultura. Tiene por objetivo comprender la monta de toro como espectáculo del rodeo destacando las transformaciones de lo local a lo global. El trabajo se encuentra estructurado en tres partes: la contextualización histórica del rodeo; la idea de modernidad, interdisciplinaridad, cultura para el desarrollo local y global y por fin la monta como espectáculo: el hombre x el toro. La metodología utilizada es caracterizada como investigación bibliográfica a través de tesis,*

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), Campus Campo Mourão. E-mail: lira.jornalista@gmail.com

² Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista- Campus de Presidente Prudente. Professor Adjunto do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Paraná - Campus de Campo Mourão. E-mail: mcbovo@yahoo.com

disertaciones, libros, artículos de periódicos científicos referentes a la temática "rodeo". También se utilizaron fotografías de la monta y de la arena del rodeo de Colorado, ciudad que alberga una de las más tradicionales fiestas del segmento rodeo en Brasil. Los resultados indican que entre todas las actividades de este deporte, la monta de toro es la que se destaca, atrayendo a un gran número de espectadores durante la realización del espectáculo en la arena. El rodeo contribuye al desarrollo de la sociedad de las ciudades que realizan ese evento, a través de la generación de empleos directos e indirectos, antes y durante el período de realización.

Palabras claves: *Cultura; desarrollo; eventos.*

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo compreender a montaria em touro como espetáculo do rodeio, destacando as transformações da cultura local para a cultura global. Dessa forma, encontra-se estruturado em três partes, sendo que a primeira apresenta uma breve contextualização histórica do surgimento do rodeio com destaque para a sua inserção no Brasil. A segunda apresenta uma síntese das implicações da cultura local à cultura global. A terceira aponta reflexões a respeito da montaria como espetáculo, tendo como atores o Homem x Touro. E por último, traçamos as considerações finais.

Assim sendo, o artigo seguiu a ótica da interdisciplinaridade, promovendo um diálogo entre autores de diversas áreas do conhecimento (Antropologia, Comunicação Social, Filosofia, Geografia e Sociologia). Para (PÁTARO; BOVO, 2015, p. 242), “esse diálogo refere-se não apenas à interação entre duas ou mais disciplinas, mas pressupõe que o trabalho coletivo [...] uma maneira de reconhecer as limitações dos campos disciplinares e [...] buscar um conhecimento que só pode ser produzido [...] por meio da articulação”. Para os autores a “[...] concepção de interdisciplinaridade é o de que nenhuma área do conhecimento pode ser considerada completa por si só”.

Dessa forma, entendemos que a interdisciplinaridade perpassa todos os elementos do conhecimento, pressupondo a integração entre os mesmos, em um movimento ininterrupto, criando ou recriado outros pontos de discussão, conforme (BOVO, 2004).

Este artigo tem como *locus* “o rodeio”, que sofreu influências de várias culturas, ao longo de sua história, principalmente na modernidade, de maneira ascendente, da local para a global. Podendo ser verificadas no estilo das roupas, calçados, chapéus, músicas e outros adereços que fazem parte do mundo do rodeio ou da indústria *country*.

Para Harvey (2005, p. 221),

[...] é inegável que a cultura se transformou em algum gênero de mercadoria. No entanto, também há a crença muito difundida de que algo muito especial envolve os produtos e os eventos culturais (estejam eles nas artes plásticas, no teatro, na música, no cinema, na arquitetura, ou, mais amplamente, em modos localizados de vida, no patrimônio, nas memórias coletivas e nas comunhões afetivas), sendo preciso pô-los à parte das mercadorias normais, como camisas

e sapatos [...]. A relação entre cultura e capital, é evidente, requer inquirição cuidadosa e escrutínio matizado.

Porém, apesar da cultura local sofrer influências de outras culturas conforme pontua Harvey (2005), entende-se que o rodeio é um atrativo que contribui para o desenvolvimento da sociedade local por meio da geração de empregos nos ramos de vestuário, alimentação e hoteleiros e também da indústria cultural que por meio dos *shows*—comercializa a música, tornando-o um dos atrativos mais importantes da região.

Assim, para o desenvolvimento deste artigo foi realizada a pesquisa bibliográfica em teses, dissertações, livros, artigos de periódicos científicos referentes ao tema rodeio. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, os textos foram fichados, analisados e por fim a elaboração deste texto. Inserimos figuras de montarias e da área de rodeio de Colorado, cidade que abriga uma das mais tradicionais festas do segmento no Brasil. Salientamos que não tivemos a intenção de fazer uma análise do rodeio de Colorado, mas sim de evidenciar essa atividade como forma de fomentar o desenvolvimento local e regional.

O rodeio: uma breve contextualização histórica

Existe ainda certa confusão de onde começou o rodeio no mundo. Depois de uma análise em bibliografias sobre o assunto, detectamos que a prática do rodeio originou-se na Espanha e, posteriormente, no final do século XIX, foi levada para o México, após a Guerra do México³ e logo se adaptou à América colonial inglesa.

O rodeio só chegou ao Brasil no século seguinte, na década de 1950, importado dos Estados Unidos, com traços fortemente norte-americanos e aqui sofreu influência da vaquejada, assumindo uma postura mais ligada à disputa artística.

Porém, seis anos depois teve início a Festa do Peão Boiadeiro de Barretos, cidade do interior do estado de São Paulo. Os registros dão conta que as primeiras montarias em animais aconteceram no mesmo ano também no município paulista de Paulo de Faria. Atualmente, a Festa do Peão de Barretos representa o evento mais tradicional no segmento da América Latina, sendo considerada uma experiência internacional.

Assim sendo, o rodeio é caracterizado como um esporte que envolve o homem e os animais e devido a esta característica, é tido como “esporte tradicional, ou seja, aqueles que já

³ No período entre 1846 e 1848, os Estados Unidos e o México travaram um conflito que foi denominado por historiadores como Guerra do México. Saindo vitoriosos, os Estados Unidos conquistaram o território, onde atualmente se situa os estados Utah, Nevada, Arizona, Califórnia, Texas e Novo México, além da parte oeste do Colorado.

existiam ou se originaram de atividades físicas, antes da generalização do sistema moderno de esporte internacionalmente organizado” (SERRA, 2000, p. 27).

A Federação Nacional do Rodeio Completo considera que, para que o rodeio seja um esporte, este deve integrar três provas: montaria em touro, montaria em cavalo e três tambores (única prova feminina no universo do rodeio). Dessas, a montaria em touro é a mais conhecida, pelo fato de promover um espetáculo que prende a atenção da plateia em cada lance, que espera ansiosa para o desfecho imprevisível, como se perguntasse: quem sairá vitorioso nesse duelo? Peão ou o touro?

Além de ser considerada uma prática esportiva, o rodeio também é considerado uma festa como já destacado nesta introdução. É um evento que revela a mútua fertilização entre o local e o global. O Brasil possui alguns eventos do segmento como a vaquejada, atividade cultural que nasceu no nordeste do país e rodeio em cavalo no estilo cutiano. Mas, é no rodeio “importado” que está embasado seu perfil esportivo. Essa importação também pode ser aqui considerada como uma apropriação, uma troca local-global ou como desterritorialização, que, segundo Ortiz (1994) é a capacidade das culturas locais se deslocarem de seus territórios para serem distribuídas mundialmente, isto é, a mundialização da cultura.

O rodeio origina-se do trabalho campestre, quando em alguns momentos, como opção de lazer, os trabalhadores se divertiam em competições que envolviam animais. Promoviam essas concorrências apenas como atividade lúdica. Eram as montarias.

Para Pimentel (2006, p.92) foi no Brasil Colônia, que as características das diversas regiões do Brasil começaram a ficar “presentes nas cidades durante festividades e, mais tardiamente, em circos de tourada. Gradativamente, foram hibridados com formas mundializadas de rodeio a fim de manter o nível do espetáculo.”

A partir da desterritorialização do rodeio, que se transformou em esporte por conta da profissionalização, observou-se que não houve só uma apropriação das atividades laborais do campo (a montaria) em evento esportivo, mas surge também nesse contexto uma atividade que pode ser considerada mimética do espetáculo, conforme será vista ao longo deste artigo.

Como vertente, para efeito de análise do rodeio como espetáculo dessa transição local-global, será utilizada aqui a montaria em touro, por ser considerada pelas associações que organizam rodeios pelo mundo, como a modalidade mais radical, mais vista e procurada nesses eventos.

O Rodeio: da cultura local a cultura global

O surgimento de grupos humanos e o desenvolvimento em sociedade ocorreram ao longo da história da humanidade a partir da ocupação territorial em todo o planeta. No entanto, essa ocupação, não ocorreu de forma igualitária. Segundo Santos (1987, p.9) “territórios diferentes foram ocupados de modo diferente por populações diferentes”. Esse processo de diversidade também está presente no desenvolvimento das culturas humanas. Mas, o que é cultura?

Para o geógrafo Paul Claval (2002) existem várias concepções de cultura:

1- Numa primeira concepção, a cultura aparece como um conjunto de práticas, de *savoir-faire* ou *know hows*, de conhecimentos e de valores que cada um recebe e adapta a situações evolutivas. Nessa concepção, a cultura aparece ao mesmo tempo como uma realidade individual (resultante da experiência de cada pessoa) e social (resultante de processos de comunicação). Não é uma realidade homogênea. Ela compõe muitas variações.

2- Numa segunda concepção a cultura é apresentada como um conjunto de princípios, regras, normas e valores que deveriam determinar as escolhas dos indivíduos e orientar a ação. Essa concepção a define como imutável. Essa concepção é útil para compreender a componente normativa dos comportamentos, mas as regras são interpretadas tanto para justificar escolhas diversas como para motivá-las.

3- Numa terceira concepção, a cultura é apresentada como um conjunto de atitudes e de costumes que dão ao grupo social a sua unidade. Essa concepção da cultura tem um papel importante na construção das identidades coletivas (CLAVAL, 2002, p. 3).

Complementando as concepções de cultura de Claval (1990), a antropologia enquanto área de conhecimento que estuda as culturas humanas, produziu importantes reflexões sobre as formas como desenvolvemos, aprendemos e transmitimos a cultura. Segundo as antropólogas, Marconi e Presotto (2010), existem mais de 160 definições teóricas de cultura. Para as autoras, cultura pode ser considerada de diferentes formas:

Ideais (conhecimento e filosofia); crenças (religião ou superstição); valores (ideologia e moral); normas (costumes e leis); atitudes (preconceito e respeito ao próximo); padrões de conduta (monogamia, tabu); abstração do comportamento (símbolos e compromissos); instituições (família e sistemas econômicos); técnicas (artes e habilidades); e artefatos (machado de pedra, telefone). (MARCONI; PRESOTTO, 2010, p. 24).

Já para o crítico e pensador marxista, Raymond Williams (1992, p.13) cultura é um “sistema de significações mediante o qual [...] uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada.”

Diante dessas conceituações de diferentes campos do saber, entende-se que cultura representa um modo de vida envolvido em todas as formas de atividade social, como as atividades artísticas e intelectuais, entendidas como práticas significativas (linguagem, artes, filosofia, jornalismo, moda publicidade, etc.), tornando-se um verdadeiro campo interdisciplinar

na qual diferentes áreas do conhecimento científico dialogam-se entre si em busca de um único conhecimento que é a cultura. Essa cultura é um produto das sociedades modernas, sociedade esta que apresenta uma mudança constante, rápida e permanente, assim sendo, Giddens(1991), distingue as sociedades “tradicionais” e as “modernas da seguinte forma:

[...] nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS, 1991, p. 37).

Assim, a modernidade se apresenta em contraste com as sociedades tradicionais, não sendo definida apenas por meio da experiência vivida, mas como uma mudança rápida, abrangente e continua sendo esta uma forma alternativa e reflexiva da vida, ou seja, “[...] as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter” (GIDDENS, 1991, p. 38).

Para Giddens (1991, p.6), existem em particular ritmos de alcance de mudanças nas sociedades, isso ocorre “[...] à medida em que áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra", interferindo na natureza das instituições modernas”. Dessa forma, ocorrem importantes transformações do tempo e do espaço o que Giddens chama de “desalojamento do sistema social” e a “extração” das relações sociais dos contextos locais de interação e sua reestruturação ao longo de escalas indefinidas de espaço e tempo.

Para o sociólogo,

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão, quanto em intensidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. No plano da extensão, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos de intensidade, elas alteraram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana (GIDDENS, 1991, p.21).

Assim sendo, o rodeio representa a cultura que nasceu em determinada localidade e rompeu as fronteiras mundiais, a partir da modernidade, pois o que antes era apenas uma atividade lúdica, atualmente é considerado esporte, reconhecido desde 1990. Tais fatos marcam a transição de uma cultura local para uma cultura global.

Por falta de encontrar uma conceituação palpável do que seja Cultura Local, optamos por associá-la ao conceito de Cultura Popular defendida por Santos (2004, p.143). E para Cultura Global, nos apropriamos do termo Cultura de Massas, também desenvolvido pelo autor.

A Cultura Popular - que aqui chamaremos de Cultura Local - é conhecida como aquela cultura anônima produzida pelas “pessoas comuns” e é transmitida pelos costumes e pela oralidade. Na hierarquia cultural, é considerada de baixo custo, inferior e simplória. Quase sempre identificada pelo folclore e artesanato.

Já a Cultura de Massa - que aqui será denominada de Cultura Global - é aquela veiculada pelos meios de comunicação de massa. De acordo com os críticos da indústria cultural, sobre seu impacto no conjunto da sociedade, ela impõe padrões culturais com vistas à homogeneização de hábitos e gostos culturais consumistas articulados com a mercadorização no campo cultural.

A cultura de massas produz certamente símbolos. Mas estes, direta ou indiretamente ao serviço do poder ou do mercado, são, a cada vez, fixos. Frente ao movimento social e no objetivo de não parecerem envelhecidos, são substituídos, mas por outra simbologia também fixa: o que vem de cima está sempre morrendo e pode, por antecipação, já ser visto como cadáver desde o seu nascimento. É essa a simbologia ideológica da cultura de massas. Já os símbolos “de baixo”, produtos da cultura popular, são portadores da verdade da existência e reveladores do próprio movimento da sociedade (SANTOS, 2004, p.145).

Seria impossível compreender essa passagem da cultura local para a global, sem falar no processo da globalização, que nessa transição, está implícito. Featherstone (1997) explica a globalização de maneira prática como uma intensificação do fluxo de conhecimentos, mercadorias e pessoas. E a globalização ao invés de homogeneizar a cultura, levou o aumento da sensibilidade quanto às diferenças globais e sua amplitude. Já para Giddens (1991, p. 189), a globalização é uma das consequências fundamentais da modernidade.

E por último, Santos (2004, p.143) sustenta que a globalização dá uma nova significação à cultura popular (local), tornando-a capaz de competir com a cultura de massas (global). É a chamada revanche cultural.

Mas há também - e felizmente - a possibilidade, cada vez mais frequentem de uma revanche da cultura popular sobre a cultura de massa, quando, por exemplo, ela se difunde mediante o uso dos instrumentos que na origem são próprios da cultura de massas. Nesse caso, a cultura popular exerce sua qualidade de discurso dos “de baixo”, pondo em relevo o cotidiano dos pobres, das minorias, dos excluídos, por meio da exaltação da vida de todos os dias. Se aqui os instrumentos da cultura de massa são reutilizados, o conteúdo não é, todavia, “global” [...], já que sua base se encontra no território e na cultura local e herdada (SANTOS, 2004, p.144).

A partir dessa citação de Santos, compreende-se que, os elementos de uma determinada cultura popular (local) são tão fortes e capazes de serem difundidos para outras culturas. Por ter

seu caráter embasado no território, no trabalho e no cotidiano, conquista força para alterar os impactos gerados pela cultura de massas. E assim é a cultura *country*, propagada pelo rodeio.

A cultura local, rústica, só tornou globalizada, revestida da modernidade, a partir do processo de mundialização, que Ortiz (1994) confere como a “capacidade das culturas locais de deslocarem-se de seus respectivos territórios para serem distribuídas mundialmente”.

O rodeio não é só esporte ou só uma festa. Trata-se de uma manifestação cultural, que, no Brasil, teve sua origem no interior do estado de São Paulo e se espalhou pelo Brasil. Traz uma infinidade de elementos que eram típicos da vida no campo. A moda de viola caipira que é executada nesses eventos é um clássico exemplo de tal afirmação. Outro elemento identificado nas arenas de rodeio e que traz consigo características de ordem local é o traje: a camisa xadrez, chapéu, calça *jeans* e bota. Tais itens eram no passado vestimenta dos moradores da zona rural.

Os rodeios realizados nas cidades interioranas do Brasil são provas de combinação entre local e global, que revelam um movimento de apropriação do rústico para o urbano. A própria experiência internacionalizada no Brasil, que é o caso da Festa do Peão de Barretos é outro exemplo da importação de uma cultura local.

Quando o rodeio teve início, talvez seus idealizadores jamais pensassem que esta prática local sairia do universo rural para os grandes centros urbanos. Além de ter um significado cultural, o evento também gera um impacto econômico.

Em meados dos anos 90, a “indústria da produção” dos rodeios já está plenamente estruturada. O sucesso das festas de Barretos, Uberaba, Presidente Prudente, Colorado, Jaguariúna e o fato de serem realizadas mais de 1.500, por ano, em todo o país, transformou a realização desses eventos um negócio milionário (COSTA, 2003, p.73).

A evidência maior da permeabilidade entre local e global no rodeio reporta-se ao processo de renovação conservadora da ruralidade. Fugindo do estigma do atraso, o modo de vida rural assimilou elementos do universo *country* globalmente reconhecidos, além de captar outros elementos desterritorializados. Com isso, as festas rurais tradicionais (exposições e festas de peão) passaram a ostentar uma estética análoga à urbana, chegando mesmo a se delinear um novo rural, conforme afirma Alem (1996).

Esse novo rural, por não ser totalmente estranho ao público das festas tradicionais, acabou por criar também um repertório comum de consumo cultural capaz, inclusive, de atrair outros grupos e aumentar a lucratividade destes eventos, promovendo um crescimento econômico para as cidades que as abrigam. Tomando a cidade de Colorado- PR como exemplo, nota-se o quanto a festa de rodeio pode contribuir para o desenvolvimento local e regional. No período (seis dias) de realização da festa na cidade, passam pelo Parque de Rodeios Benedito

Ignácio Ribeiro, aproximadamente 100 mil pessoas, segundo a comissão organizadora do evento. Esse número representa quatro vezes mais que o total de habitantes do município, que segundo o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é de 22.345 pessoas. Todo esse público consome não só dentro do recinto de rodeios, mas também no entorno e no próprio comércio local de Colorado, comprando suas botas, chapéus e cintos em lojas *country*s, ou até mesmo os próprios peões que adquirem seus equipamentos de segurança (como a luva utilizada no momento da montaria, por exemplo) em lojas de produtos agropecuários. A figura 01 representa a arena de rodeio na cidade de Colorado- PR.

Figura 01: Vista aérea de rodeio de Colorado –PR.



Fonte: https://www.facebook.com/pg/coloradorodeioOFICIAL/photos/?ref=page_internal

Além desses produtos já mencionados acima, as pessoas estão também em contato direto com outras modalidades de culturas um duelo que ocorre dentro da arena: a montaria.

Homem x Touro: a montaria como espetáculo

As provas de montaria desenvolveram-se a partir das técnicas de domaço do cavalo. Montar em bovinos com técnicas e critérios esportivos é prova recente no Brasil e não se incluía nas práticas do binômio cavalo-boi aqui cultivadas (CASCUDO, 1976; DOURADO, 2013, p. 210).

Depois de uma pesquisa bibliográfica, descobrimos que a montaria em touros, como prática lúdica, nasceu no interior do país, nas fazendas que criavam gado. No entanto, transpassou esta modalidade e influenciada por padrões internacionais em especial dos Estados Unidos-, tornou-se uma prática esportiva e sinônimo de festa para povos de diversos municípios espalhados pelo Brasil.

Como já apresentado na introdução deste artigo, a vertente do esporte de rodeio a ser analisada é a montaria em touro, que considera a modalidade mais difícil, mas a que mais empolga o público. Nela, o peão trava um duelo com o touro. Ele deve permanecer em cima do animal pelo tempo de oito segundos, segurando apenas com uma mão a corda (mão de apoio), deixando a outra livre, solta no ar (mão de estilo) e não pode encostar em nada, nem em seu próprio corpo, pois se isso acontecer imediatamente é desclassificado da competição. Quando ele alcança esse tempo determinado, dispara-se um alerta (campainha) para que o peão abandone a montaria. Outros fatores também são levados em consideração no momento da avaliação da montaria. Conforme Leira (2017, p. 208):

Se o juiz entender que o competidor demorou a descer da montaria, o competidor pode ser desclassificado. Outros quesitos também eliminam o peão, por exemplo: demorar a sair do brete; bater a mão de equilíbrio no touro, no próprio corpo ou na cerca; prender a espora na corda da montaria; e usar qualquer equipamento ou objeto que coloque em risco a integridade do animal.

A nota do competidor é avaliada de 0 a 100 pontos. As notas do peão e do animal devem ser marcadas separadamente. A nota final apresentada é composta por 50% da nota do competidor e 50% da nota do animal e deverá ser divulgada logo após a apresentação. Se o touro não tiver um bom desempenho e o peão tirar uma nota baixa por causa do animal, o atleta pode se quiser escolher outro touro para montar.

Os juízes levam em consideração na avaliação de uma montaria o grau de dificuldade que o animal impõe ao competidor. Quanto maior, melhor a nota, desde que demonstre total domínio sobre ele e suporte o tempo .

Para montar, o peão de rodeio precisa estar equipado com o sedem, que é a cinta utilizada para estimular o animal a pular; corda americana; polaco, que é peça utilizada na corda da montaria com o objetivo de proporcionar peso na mesma para que caia do lombo do animal após a montaria; e espora, que em hipótese alguma pode conter artifícios que provoquem lesões nos animais. Os peões usam ainda luva, colete e alguns usam capacete.

Nessa modalidade, existe um risco de vida e de acidentes com contusões para o competidor muito maior do que em qualquer outra modalidade do rodeio, pois os touros são animais muito mais pesados e fortes. Chegam a pesar mais de uma tonelada e alguns possuem

chifres pontiagudos. Cabe ressaltar ainda que na montaria em touro, não se utiliza sela e sim uma corda americana para segurar com apenas uma mão.

A realidade investigada comprova o que Bergamaschi *et al.* (2006) argumenta, de que a força de prensão manual é de grande valor nas montarias, pois a grande diferença entre o tamanho e o peso do animal na comparação com o tamanho e peso do competidor, expõe fisiologicamente falando, uma grande exigência de esforço de membros superiores, assim como equilíbrio e ainda, agilidade e coragem. As figuras 2A e 2B ilustram a montaria de touro.

Figura 02^a E 2B: Representação da montaria em touro.



Fonte: https://www.facebook.com/pg/coloradorodeioOFICIAL/photos/?ref=page_internal

Para Parlebás (1996, p.7) o esporte “mergulha o praticante na emoção de uma aventura corporal exaltada” e ao mesmo tempo trata-se de uma oportunidade de educar ao modo *ethos* próprio de determinada sociedade, pois o rodeio não possui nenhuma moral específica. Neste contexto os peões, a plateia, juízes de rodeio e demais atores envolvidos no momento da montaria conferem um valor a ela.

A montaria em touro acabou se tornando um atrativo espetacular, por estar inserida dentro de um esporte: o rodeio. Os eventos esportivos estão dentro da categorização elencada por Kellner (2001) para definir espetáculos. Kellner ainda explica que o entretenimento sempre foi o principal campo do espetáculo. Mediante essa lógica estabelecida por rodeio-esporte e espetáculo, é possível entender que todas as pessoas que adentram a um recinto de rodeios para

assistir a montaria em touro são motivadas por consumir cultura. São estas espectadoras de um espetáculo que dura apenas oito segundos. São membros da “Sociedade do Espetáculo”.

O conceito “Sociedade do Espetáculo”, desenvolvido pelo teórico francês Guy Debord (1997) e seus seguidores do Internacional Situacionista⁴, foi apresentado pela primeira vez nos anos 1960, e descreve uma sociedade de mídia e de consumo, organizada em função da produção e consumo de imagens, mercadorias e eventos culturais.

Algumas cenas que seguem dentro da arena justificam os olhares fixos do público no momento do espetáculo. A porteira se abre e tem início uma batalha entre homem e animal. Um verdadeiro duelo que leva em consideração tempo e habilidade. O movimento que o peão faz com a mão para o alto gera expectativa no público, que torce para que ele mantenha a força e o equilíbrio em cima do lombo do touro, segurando apenas o sedem.

No entanto, nos bretes⁵, o proprietário do animal, chamado no universo do rodeio, de “tropeiro”, torce para que o seu touro, com seus movimentos indeterminados, derrube o peão. Observa-se neste momento duas torcidas. Uma que assiste das arquibancadas e outra que está no fundo dos bretes ou em cima dos palcos. A “briga” não está presente só dentro da arena, mas também envolta dela. Uma “guerra” de torcidas: público x tropeiro.

Segundo Alem (1996), o rodeio em touros marca a transição da festa de peão de um evento quase folclórico a um show, essa modalidade ganhou interesse do público, ainda que no início parte desse público fosse ao rodeio só para ver as quedas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da elaboração desse artigo, buscamos estabelecer um diálogo interdisciplinar envolvendo diferentes áreas do conhecimento na qual enfatizamos o conceito de cultura local e global, modernidade e desenvolvimento. Aqui entendemos que a relação entre sociedade e desenvolvimento é algo dialético, pois só há desenvolvimento em uma sociedade a partir do momento que há modernidade, e essa modernidade contribui para o desenvolvimento local em diferentes escalas de análise, permeando a economia, a política e também a cultura.

O Brasil foi influenciado por várias modalidades de rodeio norte-americano, inclusive a modalidade considerada a mais radical: a montaria em touro. Esse tipo de evento em nosso país era tido inicialmente apenas como uma atividade meramente cultural e folclórica do que

⁴ Foi um movimento fundado por intelectuais europeus no começo dos anos de 1960 com o objetivo de combater a alienação e a opressão.

⁵ Os bretes são instalações complementares de um centro de manejo. No rodeio os bretes são os espaços em que os animais ficam confinados até o momento da montaria.

esportiva, mas hoje já tem uma identificação maior como esporte radical, principalmente depois da instituição de regras e padronização a nível internacional.

O rodeio no Brasil nasceu naturalmente e é uma cultura nossa, e existem modalidades tidas autenticamente brasileiras, como a montaria em cavalo no estilo cutiano, ou mesmo provas de vaquejadas realizadas no Nordeste.

No sudeste e centro-oeste, o rodeio sofreu a influência norte-americana para poder unificar as regras e se tornar de fato um esporte trazendo ainda novas modalidades até então desconhecidas e muito valorizadas a nível mundial, como montarias de sela americana em cavalos, laço, três tambores (única prova feminina).

Mesmo com influências internacionais tão pertinentes, o rodeio brasileiro pode ser considerado como uma cena de um evento local projetada para global. Por esta prática esportiva sofrer algumas alterações ao longo dos anos, tornou-se um produto da cultura brasileira. Um novo produto de consumo. Traz aspectos da ruralidade como, por exemplo, as músicas de viola raiz, o que remete o público a lida do campo. Mas o evento também permite ao público observar a presença da modernidade, por meio da tecnologia da campainha que soa para o peão pular do lombo do animal, ou até mesmo na formação de um perfil, de uma identidade *country* a partir dos trajes.

Trata-se de um esporte moderno e bem mais do que isso: é um espetáculo. Em todo o contexto do rodeio e das provas, a dimensão da luta travada entre homem e animal na montaria em touro é a que prende a atenção do público, que vibra, torce e se emociona com esse enfrentamento. O tropeiro torce pelo seu touro e grande parte da plateia torce para o peão, para ele “aguentar” os oito intermináveis segundos em cima do lombo do animal e ser consagrado campeão.

O rodeio virou uma mania nacional no chamado cinturão *country* que abarca municípios que promovem esta festa-esportiva nos estados de São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Uma tendência que nasceu de uma prática do universo rural, mas que permeou no global. Diante do supracitado, é possível afirmar que mesmo aqueles que não trabalham mais no campo, podem recompor sua história assistindo a uma montaria ou mesmo um sujeito urbano pode consumir o cenário do campo, quando participa, monta, enfim, consome o rodeio-esporte.

REFERÊNCIAS

ALEM, J. M. **Caipira e country: a nova ruralidade brasileira**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e Sociais, Universidade de São Paulo, 1996.

BERGAMASCHI, J. P.; Matsudo, S. M. Matsudo, V. K. R. 2006. Relação da força dos membros superiores e nível de atividade física com prevalência de lesão e o desempenho competitivo de participantes de rodeio competitivo. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, 14, 53-5 Disponível em: <file:///C:/Users/Computador/Downloads/678-2081-1-PB%20(1).pdf 8.>. Acesso, 01 de jan. 2018.

BOVO, Marcos Clair. Interdisciplinaridade e transversalidade como dimensões da ação pedagógica. **Revista Urutágua**, v. 7, p. 1-12, 2004. Disponível em: <http://www.uem.br/urutagua/007/07bovo.html>. Acesso em: 01 de abril de 2017.

CASCUDO, L. C. **A vaquejada nordestina e sua origem**. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Natal, 1976.

CLAVAL, Paul. A volta do cultural na Geografia. **Revista Mercator**, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewArticle/192>>. Acesso em 01 de abril de 2017.

COSTA, S. P. **Esporte e paixão: o processo de regulamentação dos rodeios no Brasil**. **Movimento**, v.9, n.2, p. 71-88, maio/ago.2003.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto. 1997.

DOURADO, S. P. C. O Rural como fronteira do urbano: rodeios e vaquejadas nas interpretações do Brasil. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde da Unioeste, Cascavel- PR, 2013. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/8754/6926>>. Acesso em 06 de mar. 2018.

DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010.

FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo: SESC/Nobel, 1997.

GIDDENS, Anthony. É a modernidade um projeto ocidental. In: _____. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 1991, p. 189-193.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo**. Tradução Rosemary Duarte, LÍBERO - Ano VI - Vol 6 - no. 11, 2001.

LEIRA, Matheus Hernandes *et al.* A origem do rodeio no Brasil sua prática como esporte radical e o bem-estar dos animais de montaria. **PUBVET**, v. 11, p. 207-312, 2016. Disponível em: <<http://www.pubvet.com.br/uploads/23ef58a078cf36c4587557258a019caa.pdf>>. Acesso em 28 de junho de 2017.

Manual de montaria da Confederação Nacional de Rodeio. Disponível em: <http://eugeniojose.com.br/wp-content/uploads/2017/01/MANUAL-DE-REGRAS-RODEIO-OFICIAL-CNAR.pdf>. Acesso em 15 de junho de 2017.

MARCONI, M. de A.; PRESOTTO, Z. M. N. **Antropologia**: uma introdução. São Paulo: Atlas, 2010.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PÁTARO, Ricardo Fernandes; BOVO, Marcos Clair. Escola, interdisciplinaridade e contextualização do conhecimento. p. 223-249. In: OLIVEIRA, Rosa Maria M. Anunciato de.; PASSOS, Carmen Lúcia B.; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira (orgs). **Pesquisa em educação**: múltiplos olhares em um doutorado interinstitucional. Assis: Triunfal Gráfica e Editora: Fecilcam, 2016.

PARLEBÁS, P. O significado do esporte na sociedade contemporânea. In: **Congresso Latino Americano de Esporte para Todos**. Santos-SP: SESC, 1996.

PIMENTEL, G. G. S. Localismo e globalismo na esportivização do rodeio. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 28, 91-104. Campinas-SP: 2006.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura?** São Paulo: Brasiliense, 1987.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SERRA, Rhodes Albernaz de Almeida. **Rodeio uma paixão**. Rio de Janeiro. Editora Gryphus, 2000.

WILLIAMS, R. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.